



## Meu Rio

No meu Rio de Janeiro a vida parecia ilusão  
no morro as crianças corriam de pés descalços,  
brincavam de amarelinha, soltavam balão,  
as balas que voavam eram doces e derretiam no calorão.

O tempo passou e o morro ainda existe,  
porém, as balas já não são de festa,  
atravessam a noite, cortando a favela,  
ferindo paredes, matando a floresta.

A natureza da minha cidade  
não é só jardim, é também verdade:  
nas antigas ruas, as sombras corriam  
o açoite e a prisão eram lei severa,  
roubos e enganos pela noite surgiam,  
e o medo crescia, sempre à espera.

Mas, entre a esperança calorosa e a pólvora fria,  
insiste a lembrança de um tempo sereno,  
onde brincar era maior que o medo,  
e o vento soprava um futuro pleno.

Favela é ferida, porém, já foi canteiro,  
uma semente que brotou em meio ao tiroteio,  
contudo, na bala que ainda fere, na lembrança que insiste,  
vive o meu Rio partido, mas que nunca desiste.

**Al. Geovana Luzes da Costa**

Colégio Tiradentes – Pelotas

Gênero: poema.

**Comentário da banca:** O texto de Geovana remete o leitor a dois diferentes mundos: um marcado pela inocência infantil; outro, pela violência que caracteriza grandes cidades. O olhar crítico da aluna permite a percepção das camadas que compõem o Rio de Janeiro: esperança pólvora, resistência.